

A Fraternidade

DEFENSOR DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Trimensario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES *ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Série de 18 n.ºs isenptos de cobrança
postal 500 rs.
Brasil (moeda forte), série de 18 n.ºs 1\$200 »REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: yp. «Minerva»—Famalicao

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Anuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade, nem se restituem
os authographos, quer ou não
sejam publicados.

O ENCERRAMENTO CONVENCIONAL NO PORTO

Faz hoje nove annos que se realisou, pela primeira vez, o encerramento dos estabelecimentos commerciaes na laboriosa capital do norte.

E'-nos grato registar esta data: recorda uma das mais bellas e humanas conquistas que temos conseguido n'estes ultimos vinte annos. Por gratidão é nosso dever patentear o reconhecimento immenso que nos vae na alma aos homens dignos, aos sinceros paladinos, que concorreram para o estabelecimento de tão superior e conducente medida.

Quem escreve estas linhas é novo ainda nas luctas associativas; desconhece os nomes dos homens a quem se deve este admiravel triumpho. Embora!

Nos nossos corações agra-decidos a estima fita-os comancia, com amor e interesse, com a convicção sincera de quem se não engana. Estes nove annos decorridos symbolisam um seculo de luctas persistentes e sempre consecutivas. Na historia dos grandes cercos heroicos, nas descrições quasi sobre humanas das incomparaveis conquistas dos ultimos seculos a tactica, a paciencia, a abnegação e a energia ahí dispendidas, podem-se justamente comparar com as que n'estes longos nove annos passados nos tem servido como elementos de guerra. O encerramento convencional é sempre um mytho; mas esse mytho tinha de ser imaginado, dando-se-lhe todas as apparencias de realidade, para ser o precursor da lei impondo definitivamente o descanso hebdomadario. A' conquista apparente succederá, pois, a gloria real, positiva, bem firme, que nenhum despotismo abalará. Quantos milhões de esforços, de desgostos, de offensas custaram esses nove annos de encerramento convencio-

nal? Uma epopeia condensal-os-ia e formaria um esplendido monumento de honra, a perpetuar a memoria dos antigos marcehaes da classe, que firmaram com a sua inconfundivel energia, com o seu estoico valor a primeira base, já indestructivel, para a implantação da lei regularisando o trabalho dos assalariados.

Todas as grandes e generosas iniciativas tiveram periodos de largo desenvolvimento e epochas de manifesta apathia. Adversarios intransigentes, inimigos de cego e longo odio, nunca nenhuma innovação as teve como esta. Os proprios interessados na realisação da proveitosissima ideia a combatiam surdamente: uns por tacahez do espirito, por pedantismo, outros por falta do criterio e por maldade.

Annos e annos de luctas acerbadas formam o mais distincto sequito que glorifica o encerramento convencional. O Porto, o laborioso Porto, o emporio commercial do norte do paiz, illuminou, como um facho de luz brilhantissima, os espiritos quasi insensiveis á razão, dos commerciantes da provincia, até allí aferrados á rotina condemnavel dos tempos primitivos. Ao Porto seguiu Braga o mesmo proceder, depois Vianna e Barcellos, mais tarde Famalicao e outras villas menos importantes. Reflectiu-se, pois, com todo o Norte o memoravel triumpho alcançado pelos nossos antepassados nas inglorias luctas pelo Bem. Se o Porto celebra com ruido a data inesquecivel de 30 de Setembro, o Norte, todo, festeja intimamente com a sinceridade e expontaneidade pura que só suggere a gratidão maxima a era gradiosa que marcou a maior conquista que os nossos corações podiam desejar.

A «Fraternidade» agradece, immensamente penho-

rada, á União dos Empregados no Commercio do Porto, o honroso convite que lhe dirigiu e fez votos pela boa realisação da festa que recorda um importante feito, e celebra o nosso anniversario do encerramento convencional.

Carta aberta

Ao ex.º sr. conselheiro João Franco, presidente do conselho de ministros e ministro do reino.

Ex.º Sr.

Ha approximadamente vinte e cinco annos que a nossa classe, pobre mas honrada, infeliz mas virtuosa, desprotegida mas cheia de fé, crença e enthusiamo, reclama pacata e modestamente dos altos poderes ministeriaes, um dever justo e sacratissimo, uma causa preponderante, axiomática, indispensavel e já bem conhecida e echoada no nosso homerico Portugal.

Esse dever ou essa causa por que energicamente luctamos, como V. Ex.ª o já comprehendeu, é a almejada lei que nos garanta e regularise um dia de descanso, após sete de improba e constante lida.

Por diversas situações ou governos anteriores nos tem sido affirmativamente promettida; mas... simplesmente... essas promessas não são cumpridas e nós os martyres, os escravos, victimas do proceder reles e vil dos antecessores de V. Ex.ª, ainda encarcerados, dia e noite, n'estas hediondas enxovias, sem uma hora de folga para distração do nosso espirito, sem um momento de socego para allivio e consolação das nossas maguas e sem um minuto de descanso para recuperação das nossas forças.

E' totalmente impossivel, como V. Ex.ª muito bem reconhece e todas as cabeças sensatas, porque isto é um sacrilegio, um abuso anti-religioso contrario ás nossas crenças e ás dos nossos povos, uma hecatombe por assim dizer, continuarmos vivendo subjugados, oprimidos, n'esta horrivel lethargia.

Estalfados estamos de gritar, pedir a tão antojada liberdade.

Por intermedio dos nossos periodicos, representações, officios, petições; por intermedio pessoal e confidencial, nos temos dirigido aos antecessores

de V. Ex.ª ou aos que já occuparam o mesmo lugar.

Em porém ao menor movimento da numerosissima classe a que me honro de pertencer, recebiamos como lenitivo ao nosso soffrimento, o *Sim*; mas esse—*Sim*—pronunciado ou escripto d'uma fôrma bem nitida e affirmativa, desaparecia das nossas crenças como a rapidez do relampago ou a repercussão de um ecco; desaparecia, porque o nosso espirito não podia concentrar essa palavra, nem tão pouco detel-a na expectativa.

E porquê? Porque até á presente data não temos recebido de S.ªs Ex.ªs senão promessas e com ellas nos tem aliciado sem que lhes deixam cumprimento e satisfaçam o que tão humildemente vimos impetrando do governo.

A causa porque nos impomos, ou por outra, o tão ambicionado *descanso dominical por lei*, Ex.º Sr., não só é reclamado por nós por ser justo e indispensavel, como tambem por todos aquelles que pensam e possuem alguns conhecimentos phisicos e intellectuaes, porque na verdade é uma medida instructiva e de grande alcance para a moralisação dos nossos povos.

No Brasil, Allemanha, Austria, Suissa, Hollanda, Italia, Inglaterra e ultimamente na França e Hespanha o *Descanso dominical* está decretado por lei.

Estes paizes que dia a dia os vemos florescer, avançam a passos largos e agigantados na vanguarda da civilisação e do progresso.

Adoptam, como é o seu systema governativo, todas as medidas que se lhes proporcionam instructivas, uteis e valorosas.

Occupam-se com afan nas necessidades e conveniencias das classes trabalhadoras, e attendem a qualquer pedido ou reclamação que as mesmas lhes façam, porque reconhecem que são ellas que sustentam e alimentam o Paiz e o Povo.

Ora nós, Ex.º Sr., no nosso homerico Portugal, somos completamente infelizes e estranhos a esses systemas dos paizes vizinhos.

Não temos tido até hoje homens liberaes que nos defendam e que nos salvaguardem.

Não temos tido á frente do nosso paiz, quem olhe e vele por nós, pelos nossos interesses e pelas nossas regalias.

Somos uns simples e humildes trabalhadores quotidianos, enfileiramo-nos sem distincção de classe no campo de tantas

outras que são a massa inexgotável que alimenta os nossos séres, lhes dão força, vida, animo e actividade.

Temos sido coagidos muitas vezes a trabalhos superiores ás nossas forças; e, mui submissos nos conservamos, debaixo da voz altaneira e imperial dos que se dizem nossos *senhores*.

Ora reconhecendo nós que o *descanso dominical* é para todos os que trabalham um dever justo, indispensavel e até sacratissimo, e vendo-nos subjogados, oprimidos sem gosarmos essas regalias que todas as mais classes possuem, dirigimo-nos pela primeira vez a V. Ex.^a como actual chefe do governo, reclamando a *Lei* que nos garanta essas regalias, porque entendemos que no nosso meio e d'entre os labutadores quotidianos não deve haver distincções.

E' uma excepção o distinguirmos-nos de tantas outras classes; trabalhamos como ellas ou mais ainda, porque não temos horas de descanso nas nossas refeições, não respiramos como ellas o ar puro da liberdade, conservamo-nos sempre captivos a dentro das taboas d'um balcão sem que d'ellas possamos sair senão ao commando de uma voz que nos excede.

Ao passo que estas são livres, emfim gosam a *liberdade*.

E' a nossa classe como, V. Ex.^a de sobejo o conhece uma das mais numerosas, das mais uteis e que de mais força dispõe; no entanto nunca a dentro d'ella houve a menor agitação contra o modo de proceder de V. Ex.^{as}, nunca nos seus espiritos fluctuou o mais pequeno impulso contra as pessoas reaes; nunca brilhou n'elles a tendencia para a republica ou para a greve; e, como V. Ex.^a o sabe, temos meios de sobra para alcançarmos essa regalia por que tão apaixonadamente aspiramos. O *descanso dominical*, Ex.^{mo} Sr., tem sido a base das maiores lamentações em todo o paiz; toda a personalidade, desde o mais abjecto e obscuro, até ao mais instruido e mais douto, critica d'uma tórma bem aspera e severa o modo como temos sido tratados, perante as supplicas e as nossas reclamações; e, ao mesmo tempo que criticam, incitam-nos a recorreremos a outros meios mais energicos e mais esperançosos. E nós, os pacatos, dotados de bom senso, deixamos esvahir esses pensamentos e arremessamos para bem longe.

Não germina em nós porem quanto outro «Ideal» a não ser o de conseguir tudo á força de vontade; todavia, Ex.^{mo} Sr. a questão vae-se tornando bastante azeda e a paciencia tem limites. Se agora não virmos alguma agitação a favor da nossa desprotegida classe, a paciencia decerto exgota-se-nos, e seremos coagidos a abandonar estes meios e seguirmos incarnadamente como a causa o exige, a lucta titanica que nos está reservada; e é justamente o que a nossa classe não deseja.

Portanto, Ex.^{mo} Sr. João Franco, agora que V. Ex.^a occupa nas cadeiras ministeriaes o logar mais alto, mais honroso e de mais merecimento, agora que

V. Ex.^a está com as redeas da nação portugueza defendendo-a denodadamente e expondo-se a uma lucta bastante ardua e espinhosa, agora que só V. Ex.^a poderá definir esta causa, ou por outra, *decretar* a tão almejada *lei do descanso*, porque é só V. Ex.^a quem pôde arrostar com esse triumpho libertando assim vinte e cinco mil homens na juventude, confiamos no caracter impolluto, serio, digno e respeitavel, merecedor de todas as attentões, de toda a estima, veneração e consideração, já pelos sentimentos nobres que V. Ex.^a possui, pelas altas qualidades e pelos largos conhecimentos das causas justas e necessarias; pela liberalidade com que V. Ex.^a tem tratado e tratará as questões sociaes, nós os pobres escravizados da risonha villa do Lima, vimos por este meio reclamar mais uma vez justiça sobre a nossa causa, porque se V. Ex.^a e mais ministros que compõem a pasta ministerial fizerem justiça sobre a nossa pretensão, mas com a imparcialidade que a causa o exige e com o devido caracter de pessoas nobres, estamos crentes, e temos a certeza absoluta de que a nossa classe, os infelizes empregados no commercio, que até hoje tem vivido na mais degradante situação, terão os seus de-jeos cumpridos, a sua missão completa, o seu espirito tranquillo, o dever em realidade e a causa com precauções sancionadas pelo governo, como ha muito é o seu pensar, a sua ideia, o seu sentdo.

Parece que deve ser inutil expôr a V. Ex.^a mais detalhes sobre esta questão

Tem V. Ex.^a, como de sobejo o sabemos, conhecimentos como poucos acerca das questões sociaes; por isto, só, unica e exclusivamente queremos e desejamos o cumprimento das promessas feitas por V. Ex.^a no mez de julho, por occasião d'uma visita á cidade do Porto, n'uma conferencia no *Príncipe Real*.

Essas promessas feitas á nossa classe livre e espontaneamente, sem que a V. Ex.^a nos dirigissem, sem pedidos nem reclamações, demonstram com perpicuidade o desejo de proteger as classes trabalhadoras, de as auxiliar e de lhes incutir todas as regalias e interesses de que precisam e são merecedoras.

Está marcado o dia 29 para a abertura das côrtes; V. Ex.^a prometeu-nos que n'essa occasião apresentaria a proposta á discussão.

Portanto, Ex.^{mo} Sr., mais uma vez dizemos: confiamos na palavra e nas promessas feitas á classe dos caixeiros portuguezes, no Porto, por o Ex.^{mo} Sr. conselheiro João Franco, illustre e actual presidente do conselho de ministros e ministro e secretario d'Estado dos negocios do reino.

O auctor d'estas obscuras linhas, humilde e submisso empregado no commercio assim o espera!

Venha pois a lei; e depois... abaixo os traidores, os hypocritas que nos vinham aliciando!...

Ponte do Lima, 25 de setembro de 1906.

J. C. Magalhães Junior.

"A FRATERNIDADE,, EM LISBOA

Como para o presente numero não tenhamos recebido do nosso presado correspondente de Lisboa a carta noticiosa de que na capital se tem passado, para a substituímos transcrevemos do nosso presado collega *O Caixaero*, o que segue:

O contraste do publico com a "grande,, casa do Chiado. A imprensa diaria. A classe de todo o paiz que nos leia e o commercio digno. Greve parcial. Porque não foi geral? A attitude dos revoltados. Dois collegas dignos e sinceros. Uniforme—o numero na lapella dos casacos. Multas de MIL REIS! E' uma infamia!! Reunião da classe em Lisboa. Moção de protesto approvada por aclamação. O movimento da casa vae fracassando.

Tem sido o assumpto de todas as conversações, com especialidade no meio commercial, o procedimento altamente revoltante, iniquo e torpe dos proprietarios da casa do Chiado contra os nossos malaventurados collegas.

Nas tabacarias, nos cafés e n'outros centros onde se reúnem todas as camadas sociaes, são unanimes os commentarios contra as imposições exercidas para com o pessoal d'ambos os sexos d'esta inqualificavel casa.

No domingo proximo passado, fomos, como de costume, dar um passeio até Algés e Estoril, e mesmo ali, por essas praças, onde está, actualmente, a *élite* d'esta linda Lisboa, observamos dialogos ás gentis damas, referentes ás proezas dos proprietarios da casa do Chiado. Muitas rematavam: «Não vou lá porque ha revolução!» Outras: «Eu ta lá, mais devido a alguns empregados do que a outra coisa; agora já lá não torno!» Por aqui podemos fazer uma ideia do que se tem dito por outros pontos, lastimando, tambem, a hora em que os pobres empregados para ali entraram.

E' evidentemente certo que o principal elemento dos estabelecimentos de modas e outros artigos, são as damas, e, se vão levadas para este ou aquelle estabelecimento, é sobretudo devido aos delicados empregados que n'elle exercam a sua profissão. Por esta circumstancia, a tal casa perdeu muita clientela. Quem tem a lucrar bastante são indubitavelmente, as casas para onde vão os collegas revoltados.

Os commentarios que fizemos no numero passado sobre este incidente foram recebidos com verdadeiro agrado, não só pelos nossos collegas, como tambem pelo publico e pelo commercio digno.

Porém o que dissemos pouco é, porque, quando soubemos d'estes graves acontecimentos, já o nosso jornal estava composto, e, por isso, a noticia foi feita á pressa e resumidamente. Temos muito que dizer d'essa casa, que ha um anno apenas abriu as portas ao publico, mas já com uma chronica tão grande como se fossem abertas ha vinte. Se até aqui nada temos dito, é porque aguardavamos um caso mais ou menos anormal, para

mais enervados desenrolarmos os nossos apontamentos.

A nossa esperança não foi iludida. Elle ahí está...

Para as nossas explicações, que serão absolutamente verdadeiras, pedimos a especial attentão dos nossos collegas e de todo o commercio. Vamos ter o orgulho de, desinteressadamente, darmos as noticias precisas, com desassombro, lealdade e franqueza.

O *Caixeiro* só serve para defender a nossa desgraçadissima classe, escarnecida e vilipendiada por tantos entes. E' d'ella que vive, e é por ella que se sacrificará até ao ultimo extremo, com mais auctoridade que os jornaes diarios, porque estes com receio de perderem os annuncios, se calam. Não deve ser essa a missão do jornalismo, não. A verdadeira missão é defender os oprimidos, os desprotegidos, os miseraveis, emfim, todos aquelles que soffrem as agruras dos despotas e dos egoistas.

Dito o que fica exposto, que são palavras sahidas do nosso coração revoltado, vamos dizer o que sobre o assumpto se tem passado durante a semana.

A greve parcial

Dissemos que aspiravamos á greve geral, e recommendamos boa orientação e soladeriedade absolutamente solida, porque os proprietarios da casa do Chiado haviam de fechar as portas. Não succedeu assim infelizmente: a greve foi parcial. E' que a maior parte de nossa classe está assim atrazada. Não estuda, não pensa, não medita. Assim, estão alguns d'aquelles que ficaram ainda soffrendo, com medo, temendo ficarem sem collocação para sempre, e sem casa nem pão. De sorte que... é melhor soffrer...

Neste momento accode-nos á ideia o que fazem os demais trabalhadores, aquelles que muitos julgam ser inferiores á nossa classe, quando estão muito acima d'ella, e muito mais pela sua independencia. Trabalham approximadamente metade das horas que muitos de nós trabalhamos; fazem a greve, reagem, protestam quando d'elles abusam, e quasi sempre vencem!

A nossa classe tinha bem tempo de se conhecer. Estamos certos que, para remediar a situação, no caso de greve, não faltaríamos os meios precisos.

Em Lisboa existem muitos milhares de caixeiros. Bastaria um simples obulo de todos—e, para casos d'esta natureza, nenhum se recusava—para sustentar a greve. Além d'isso, temos o commercio honesto, que com facilidade collocaria os grévistas. Isto depois dos proprietarios da casa do Chiado terem conservado as portas fechadas e renderem-se.

Dirá agora alguém: «Não dava resultado, porque logo tinham pessoal de Lisboa e da provincia». Não seria facil, depois de se fazer constar o facto, por meio de manifestos, por toda a parte. E lá temos as associações de classe dispersas por todo o paiz, para onde se fazia constar o assumpto, e, cada uma por seu turno incitaria os seus associados a não se prestarem a vri

para Lisboa, para não ficarem enganados e empenhados dentro de pouco tempo, por o ordenado não lhes chegar ao menos para a refeição. Tudo se fazia se fossemos unidos.

Nunca como d'esta occasião se podia fazer uma greve tão solida e tão perfeita, quando os chefes sahiram e os empregados que estavam debaixo de suas ordens, que, juntos, constituíam, por assim dizer, o braço direito do movimento da casa. Aquelles, por serem os chefes experientes e meticulosos na sua profissão — os que davam lições aos proprietarios e que tem clientes dedicados; e estes empregados exemplarissimos, muito bem relacionados com inumeros clientes, que onde elles estiverem empregados, lá é que vão fazer as suas compras, em homenagem á muita confiança que n'elles depositam.

Constituíam, portanto, um nucleo poderoso e principal. Desde que assim era, qual o motivo porque não os acompanharam aquelles que lá ficaram? Repetimos: contribuiu o medo, o receio de muitos dos mais inexperientes da vida, por serem novos; contribuíram alguns collegas — falsos frigidistas — e perigosos para os seus companheiros de trabalho. O que asseveramos é que aquelles que ficaram, hão de ter o pago dos seus superiores.

No dia seguinte ao da sahida dos nossos collegas, todos os jornaes quasi que regorgitaram de annuncios em normando, a pedirem empregados para todas as secções. Consta-nos que entraram alguns collegas, mas muito poucos, apesar de andar um bom numero d'elles desempregados. Os poucos que entraram, naturalmente estão alli diminuto tempo. Agora é o que a rede apanha. Seja quem for, aceitam, para depois fazerem uma escolha, e os que não lhes conveem, mandam-nos para a rua sem a minima reluctancia, como succedeu a principio da abertura da casa.

A attitude dos revoltados

Encontramos ha dias parte dos nossos queridos e estimados irmãos de trabalho, dos revoltados, e, entre elles, alguns dos que foram chefes. Gostamos de ouvi-los e de apreciá-los. Estão sobremaneira animados; em nenhum d'elles se encontra ao menos um vislumbre de arrependimento pela sua resolução, tão alliva e bem digna de louvor. Muitos collegas e commerciantes os tem applaudido.

Dois collegas dignos e sinceros

Como havíamos noticiado, os chefes sahiram no dia 12, e, n'esse mesmo dia, depois do pessoal ter sahido, reuniram-se os proprietarios a fim de combinarem a melhor forma de manterem ao serviço todo o pessoal. Ficou resolvido fazer a *bocca doce*, com dinheiro, a alguns d'aquelles que elles entendiam fazer mais falta. Mas ficou resolvido quem havia de ser o emissario da boa nova aos *felizes* contemplados. Ficou assente ser o conhecido parvoastro que vigia o pessoal de manhã até á noite. É um môço muito conhecido pelas ideias philo-

sophicas, e pela correcção (!) da sua phraseologia.

No dia seguinte lá vae o homem direito á galeria nova, com as mãos sobre as costas, como é de costume. Na galeria estão installadas as secções de confeções, rouparia e chapens de senhora. Chegado alli exclamou: «Agora, *vomecés* é que estão de grande!» Vira-se para os nossos dilectos amigos Accacio Ferreira: «O senhor *façavor*, agora fica ganhando mais ordenado, e com a comissão tira cincoenta e tal *mi reis*»; ao Mattos: «O senhor *façavor tamem* fica o encarregado da secção e com a comissão fica ganhando cincoenta e tal *mi reis*»; Foi igualmente a um outro collega da rouparia e disse-lhe identicas palavras.

Receberam as ordens os nossos collegas com o mesmo calor e com a mesma frieza. Era, effectivamente, um ordenado regular, o que seria para muitos collegas *frigidistas*, alli empregados, um manancial, a ponto de lhes dar algum *ataque* ao receberem tal ordem... Mesmo assim, os exemplarissimos collegas, a quem offereciam tão boas vantagens, não acceitaram o ordenado, para fazerem vêr aos homens que não era por dinheiro que elles vendiam o seu coherente criterio, o seu sentimento de revolta e a sua lealdade de camaradas sinceros para com os chefes, pois que sempre houve reciproca amizade e respeito entre todos.

Sahiram todos no dia seguinte, sem reluctancia, serenamente, com todos os mais collegas.

Se a sahida dos chefes causou surpresa aos proprietarios da casa, ainda mais estupefactos ficaram em terem aberto a sua bolsa para aquelles que queriam manter ao serviço, e mesmo assim elles não quererem acceitar.

Os nossos illustres collegas Mattos e Ferreira tem sido muito louvados pelo seu procedimento que nenhum outro dos que lá ficaram, com a mesma miseria de ordenado, talvez fosse capaz de ter.

Uniforme ao balcão

Superfluo será dizer que o caixaero mal pôde arcar com as suas despesas, em face do pouco ordenado que ganha. Se cá fóra é diminuto, na casa do Chido é uma miseria. É uma esmola, assim se lhe pôde chamar. O pobre do empregado entra com promessas de ganhar muito mais pouco depois o dobro, mas pôde lá estar até á sua velhice que nunca chegará ao prometido. Mas, ainda mais: antes de entrar, tem que gastar dinheiro n'um facto preto, novo; de contrario, não entra. É a primeira imposição que lhe fazem.

Ainda aquelles que tem a feliz sorte de se equilibrarem com a mixórdia dos habitos da casa, estão bem; mas aquelles que, chegados ao fim do mez — o da entrada — os põem na rua, são verdadeiramente explorados.

Até nos doe a consciencia de termos de falar em **multas de 1\$000 réis**, que são impostas aos miseráveis do balcão.

Ainda outra forma de usurparem importancias **dez vezes mais** aquelles que tiverem um

engano n'um valle, isto é, se houver engano de réis 1\$000, é-lhes descontado no ordenado **10\$000 réis!!!**

No proximo numero falaremos mais circunstanciadamente das multas e do regimen da casa, para conhecimento de toda a classe e do commercio em geral.

Experiencias da vida

Vinha rompendo a manhã. Nas torres das velhas igrejas acabava de tocar ás avé-marias. Nos campos e nas planicies já as ceifeiras cantavam alegremente. Lá mais distante ouviam-se os sons metallicos dos clarins das alvoradas, cujo retinir, ora surto, ora vibrante, nos chegava aos tympanos como notas mysteriosas e tetricas, pois annunciava o momento de novas auroras de trabalho. Que momento de tédio!

A vida é o trabalho. Pois bem: a vida tambem é aborrecimento e, sendo assim, o trabalho é asqueroso. Não trabalhe nos! O labor extenua, cansa e mortifica. Os tempos mais remotos da escravatura humana — dizem — passaram á consummação dos factos. Indubitavelmente. Mas se fizermos uma analyse minuciosa pelo que se passa através de todo o universo, concluimos immediatamente que essas épocas renasceram, embora não estejam debaixo d'um rigor tão manifesto, porque lá para as bandas do horizonte vem despontando o sol da civilização, cujas scintillações incandescentes illuminam espiritos obscuros e caem cegamente sobre a bestialidade, transformando-a em fochos d'instrucção. Estava previsto.

Quer-se liberdade. A liberdade é tão necessaria á vida como esta é ao corpo. Um corpo sem vida é inerte; não tem acção. E partindo d'este principio não podemos trabalhar. Mas... perdão! O trabalho — disse eu — é vida; portanto não trabalhando morreremos agarrados a uma esquina ou n'um albergue miseravel.

Vamos, o trabalho é bom e santo. Desenvolve o nosso corpo, dá alegria e não permite pensarmos em coisas tristes...

O sol continua rolando candeladamente pela abobada celeste. Os seus sorrisos meigos percorrem a terra immensa: desde as masmorras dos condemnados, desde as mansardas escuras da pobreza, desde o leito dos moribundos até aos palacios sumptuosos, até aos edificios magnificos onde ha brazões de nobreza e onde é desconhecida a miseria e a desgraça.

Abençoado sol da Verdade e do Dever! A tua obra é sympathica como o amor. Os teus raios de luz são bellos como diamantes. Essas chuvas de prata e oiro que deixas cair sobre nós, dão vigor, actividade e dextreza para não mergulharmos no ambiente selvagem e brutal d'esta vida amarga e estúpida. É meio dia. Contemplo te e vejo que vaes ao pino.

Meu amigo! como tu nos queres ir deixando!... Ingrato!

Mas vae... vae... Foge do mundo, foge da vida. Tudo é banal, ephemero, engano e illusão...

Foge do mundo porque elle está profanado, corrompido e falsificado: é o proscenio de todas as tragedias e vinganças, o palco monstruoso de todas as tyrannias e embuscadas, o espectáculo pavoroso de todas as atrocidades.

Foge da vida, meu amigo; ella apresenta-se-nos como um espectro horrendo: já não é a obra segura e bem construida: é o montão de ruinas em cujos escombros se esconde a hypocrisia e os falsos pensamentos; já não é o gigante altivo e soberbo, cara alegre e viseira levantada espalhando sinceras consolações: é o maltraphilho errante que enveredou pela estrada do odio e se perdeu, no meio do seu louco desvairamento, nas florestas da vingança.

O mundo tem altos e baixos. As lagrimas d'uns, são as gargalhadas estridulas d'outros.

Observae bem: Se um infeliz tenta estender a mão á caridade publica é, ora chasqueado da sua desgraça, ora aborrecido e desdenhado. E elle diz com a sua consciencia: — zombae, zombae; sois mais miseraveis do que eu, porque não possuis uns laivo de sentimentos! Positivamente.

A vida é covarde. Deixa-se arrastar por uma força bem pequena, deixa-se succumbir ao mais leve sopro do tufão da morte. Ella já não é vida, é uma lucta incessante e brutal; é um fardo informe e pesado.

Vamos, vamos com o sol. Deixemos as vilanias do mundo e as traições da vida. Tudo isso constitui um veneno, o qual tende a alastrar-se pela terra como uma gotta d'azeite caída n'um pouco de toseco papel.

A humanidade inteira é um veneno que mata e destroe, é um microbio peçonhento e horripilante porque, além de corroer a semente que no futuro poderia produzir alguma coisa util, vae corrompendo a propria dignidade e adulterando os proprios corações.

E preciso portanto exterminar o mal e aproveitar a bom.

Mas onde está o bom? Mystério.

São horas!... Acabam de bater nos relógios officiaes as nove da noite. Neste momento já o sol está descansando as fadigas do dia. Vamos tambem dormir... sonhar...

O mundo é um somno engador e um sonho d'illusões.

Nasceu a lua e o seu brilho, branco como alva neve, puro como a verdade, diz-nos lá do alto:

Eu vou ser para vós o luar do Bem, da Salvação e da Liberdade!...

Arcos, XXIV—IX—MCMVI
Joaquim Lima.

Atraso

Por motivo dos trabalhos de nosso director, foi impossivel conseguir-se a impressão d'este numero a tempo de nossos assignantes o receberem no dia da sua publicação. Do facto pedimos desculpa.

Falando aos caixeiros

Desde 1902 (não sei a data nem o mez) que eu me dediquei, como um crente e com uma dedicação de espartano, aos assumptos que ainda hoje prendem as atenções do caixeirato.

E, se me permitem um bocadinho de vaidade, alguma coisa consegui, de util, para a classe. E dentro de meu peito ainda conservo a esperança de que a classe a que pertenci verá em breve tempo, satisfeitos seus desejos.

E oxalá que assim aconteça.

Disse — classe a que pertenci — e agora é preciso esclarecer estas palavras.

Não sou já caixeiro: sou actual mente negociante.

Na 2.^a sessão de propaganda realisada em Lisboa, pela Associação dos Caixeiros, o collega Rodrigues apresentou a seguinte

Moção-protesto

Os caixeiros aqui reunidos:

Considerando que os proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado teem exercido arbitrariedades, em extremo absurdas, para com os nossos collegas alli empregados;

Considerando, que entre taes abusos figuram as multas, sem razão de maior e unicamente destinadas a usurparem alguns meios legitimos, que os nossos collegas auferem por meio do seu trabalho;

Considerando, que em vista de todos estes factos levaram cinco chefes e parte dos empregados, nossos collegas, a abandonar o estabelecimento:

Resolvem:

1.^o Protestar energicamente contra taes imposições iniquas e vexatorias;

2.^o Incitar a classe de todo o paiz a ser solidaria com os collegas que saíram do estabelecimento, não se prestando a servir aquella casa;

3.^o Prestar todo o auxilio possivel aos seus collegas, actualmente em questão com os proprietarios d'esta casa.

Lisboa, 16 de setembro de 1906.

(a) Bento Rodrigues.

N. da R. — Ao dos caixeiros da capital: «A Fraternidade» junta o seu brado de protesto contra as imposições arbitrarias feitas pelos donos dos Armazens do Chiado aos seus empregados, nossos collegas, e associa-se ás manifestações de protesto que n'esse sentido sejam feitas.

Já é tempo de se quebrar a corda da oppressão!

Notas trimensaes

Agradecendo

Aos nossos presados confrades *A Luz do Commercio* e *A Seta*, agradecemos as palavras muito encomiasticas que nos dirigiram por motivo da passagem do nosso jornal a trimensario.

Sessão solemne

Para assistirmos á sessão solemne que a *União dos Empregados do Commercio do Porto* hoje realisa, para commemorar a passagem do 9.^o anniversario

do encerramento convencional no Porto, recebemos convite que muito nos penhora e que aqui agradecemos.

Como temos um representante no Porto, o presado amigo Baptista Junior, este nosso collega nos representará, por certo, e dará a noticia precisa do que fôr a referida sessão solemne.

«Pro Descanso»

Com este titulo foi publicado no Porto, pela directoria da *União*, um numero unico commemorativo do anniversario do encerramento convencional. O referido numero está muito bem cuidado e tem boa impressão e boa disposição typographica e é bem collaborado.

Agradecemos o numero remetido.

Loja do Fovo

Com este titulo, o nosso director, João de Souza, abriu um bem montado estabelecimento de fazendas de lã, fazendas brancas e miudezas, na rua D. Antonio Barroso (antiga rua Direita) d'esta villa.

Correspondencias

Lamego, 25

Continua mantendo-se, com optima regularidade, o encerramento ao domingo das 4 horas em diante.

Graças ás divinas nesperas subterraneas!

Como noticiei aos meus caros leitores d'«A Fraternidade», foi iniciado no 1.^o domingo e primeiro dia de julho preferito, reinando n'esse dia geral animação na classe pela unanimidade e commum accordo de todos os commerciantes. Isto é: com excepção de dois catturas, que já em tempos foram os auctores de não ir por diante o encerramento e que já por diversas vezes nos temos referido nas columnas d'alguns jornaes da classe, tentavam novamente voltar aos tempos antepassados privando-nos das regalias que de direito e justiça ultimamente nos foram conferidas, assim como nos privaram das que incansavelmente obtivemos em 1902.

Mas d'esta vez interpretaram mal: presumiam os srs. Caréca & Salpicão que haviam de brincar sempre com os caixeiros de Lamego; naturalmente diziam para os seus botões—isto são rapazes novos, com elles bem nos havemos nós—mas acharam-se enganados, ficaram sem vidros nas vidraças e bandeiras das portas, sem candieiros, sem azeite e por final sem um menino Jesus de porcelana que tinham com grande estimação n'uma das vidraças. E, elles se não se raspam saboreavam um bocado de toucinho, ou então saboreavam nós nua febra de salpicão, que é umas das peças do suino a que eu dou grande apreço.

Porém estes, senhores como os leitores estão vendo, foram obrigados a fechar os seus estabelecimentos, não commettendo d'então para cá a menor fal-

ta; fecham sempre á hora convencional, e já lhe não é necessaria a porta de comunicação aberta como então era a toda a hora em que tinham as outras fechadas.

Em quanto aos outros commerciantes, todos teem cumprido a sua palavra, e foram dos que nos auxiliaram na campanha do 1.^o domingo d'agosto, dia em que se deram as peripectais a que nos referimos, com os srs. Caréca & Salpicão.

E' pois todo o commercio de Lamego, muito especialmente os fanqueiros da Praça do Commercio, dignos de todo o elogio e consideração da classe, pela forma que se estão revestindo.

Agora me lembra?!... Ainda ouve um commerciante vendedor de bonéas naturaes e artificiaes, que se intitula sob a firma individual de «gramophone» ou machina falante, o unico amigo que conhecemos dos srs. Salpicão & Caréca, que não tendo outro meio de passar o tempo se lembrou de ir para a porta d'aquelles senhores sensurando assásmente a classe; mas este senhor torna-se um dos mais serios por que diz a todos sempre que não fecha e é sempre o primeiro a fechar. Assim é que eu posto dos homens.

Gremio Recreativo dos Empregados do Commercio de Lamego.

— Já se acha installada na casa provisoria sita á rua da Cruz a nossa associação de classe, contando-se já avultado numero de socios.

No proximo domingo ha eleição dos corpos gerentes que devem servir até ao fim de dezembro.

Representação.—A direcção d'Associação Commercial d'esta cidade representou ao governo pedindo a promulgariação de uma lei que estabeleça o descanso dominical obrigatorio, assim como também officiou á sympathica União dos Empregados do Commercio do Porto adherindo ao encerramento.

E' a Associação Commercial de Lamego a que está collaborando com mais interesse nas justas pretensões dos empregados do commercio de Portugal. E' digna de todo o louvor, não só dos caixeiros de Lamego, mas também de todo o paiz.

Bandeira.— Foi inaugurada no dia 8 do corrente, na magestosa precissão de triumpho de N. S. dos Remedios, a bandeira de seda afferecida á Associação Commercial pelos empregados do commercio, em prova de reconhecimento pela adhezão ao descanso do domingo.

Felicitemos o collega e amigo Antonio dos Santos Magalhães

por ultimamente adquirir a representação d'«A Voz do Caixeiro» n'esta cidade.

Tambem felicitamos os illustres Redactores d'«A Voz» pela acertada escolha que fizeram, pois que o citado collega é um distincto jornalista de quem «A Voz» tem muito a esperar.

Até breve.

Analucre.

ECCOS

Como se faz um santo

O caso passou-se na India ingieza e não deixa de ter a sua originalidade.

Certo individuo, de nome Niassa, lembrou-se de fazer uma viagem de 200 leguas desde a terra de sua naturalidade até Benarés, medindo com o seu corpo toda a distancia a precorrer. A empreza architectada no cerebro d'aquelle maduro, era um pouco arriscada, mas nem por isso deixou de a levar a bom fim.

O processo empregado foi original, como os leitores vão ver.

Niassa deitava-se no chão estendido, e fazia um risco na terra, por cima da cabeça. Levantava-se e em seguida collocava os pés no orgali do risco; tornava a deitar-se e assim successivamente, até que chegou ao seu destino, durando a viagem seis annos. Este maduro Niassa, que fez a viagem a Benarés, fopela população, que teve conhecimento d'esta madureza, considerado um santo, protegido pelo deus Brahma e viveu na ociosidade durante o resto da sua vida, passando á grande e á franceza, á custa dos devotos.

E assim se faz um santo sem ser canonizado em Roma.

Esqueleto de um gigante

Nas cercanias de uma das cidades do condado de Aosta, dois operarios, procedendo a uma excavação no terreno, desenterraram um esqueleto humano de apparencia masculina e o qual media dois metros e nove centimetros. Tinha um amplo thorax e a dentadura completa, conservando os dentes o seu esmalte. O esqueleto não se achava em nenhuma sepultura, nem junto d'elle se encontrou qualquer objecto que permitisse identificar-o. Um sabio sustenta que pertence á idade de bronze.

TYPOGRAPHIA MINERVA

FAMALICÃO

—

Mactes para calendarios em 4 formatos
Enorme variedade de chromos para calendarios
Agendas commerciaes e de algibeiras

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex.^{mo} Lus.